

PARO



YES WE CAN
BARACK OBAMA
NICOLAU BREYNER
TOMAS KRÁL

Para um artista que passou mais de uma década a produzir retratos de pessoas famosas como Dalai Lama, a série «American Executions» mostra uma volta de 360 graus na carreira de um retratista. Essa ruptura coincidiu com um interesse de Robert Priseman em retratar paisagens sem a presença humana. A partir de 2003, quando deixou de aceitar encomendas, começou a interessar-se por espaços desabitados que o levariam a pintar uma série de cenas de hospitais e subterrâneos. Mais tarde são os espaços domésticos banais que estão em foco reunidos num conjunto conhecido por «Francis Bacon Interiores». A partir daí ele passou para uma série de gravuras baseada em cenas de execução – tema que depois foi retomado em telas intituladas «American Executions», entre 2006 e 2007. Em todo este percurso a figura humana começou a desaparecer e os espaços pintados começaram a ficar cada vez mais vazios. «Comecei a pintar interiores porque dão perspectivas mais intensas dos lugares.» O artista elabora um conceito muito antigo do corpo ou retrato deslocado. A essência da sua pintura é um espaço arquitectónico (de forma definida e perturbadora) onde corpos humanos são tratados e os extremos da emoção humana justapostos na atmosfera estéril, vazia e fria de um ambiente de hospital. Estas obras são um substituto para o corpo ou para a psique humana. Tema presente em todos os interiores pintados de Priseman, onde há uma certa tradição de pintura de retrato que não inclui a figura humana. Estou a pensar nas botas de Van Gogh que pertenciam ao artista e que por isso funcionavam como um retrato. O mesmo podemos dizer da pintura do seu próprio quarto.»

As pinturas Priseman não são sempre o que parecem. Por exemplo, o seu quadro «Turn of the Key» da série «Francis Bacon Interiors» retrata as escadas banais de um prédio sem aparente significado. No entanto, são as escadas do Hotel des Saints-Pères em Paris onde o namorado de Francis Bacon, Georg Dryer, se suicidou. O que fica registado no quadro não é o fim trágico em todo o seu desespero. A luz estranha que sai do quarto, a perspectiva distorcida das escadas, o corrimão curvo, são detalhes que contribuem para a construção de uma sensação de inquietude. Apesar do local ser pintado com muito detalhe, especialmente os elementos arquitectónicos da escada, percebemos que o artista está a eliminar pormenores extra a todo o ambiente. Há um vazio nesse espaço interior de Priseman que paradoxalmente dá uma presença à escadaria. Embora alguns detalhes tenham sido iluminados, do espaço permanecem traços residuais negativos.

RETRATO DE UMA EXECUÇÃO

ROBERT PRISEMAN

“NÃO HAVIA RAZÃO NENHUMA PARA FAZER UMA SÉRIE SOBRE A MORTE, NEM HAVIA A EVOCÇÃO A VÍTIMAS, NÃO HAVIA MOTIVO, SÓ UM MOTIVO SUPERFICIAL”*

* ANDY WARHOL

(«I’LL BE YOUR MIRROR»; THE SELECTED ANDY WARHOL INTERVIEWS» 2004)

Os interiores podem estar inseridos numa certa tradição desenvolvida por surrealistas como Giorgio de Chirico and René Magritte que tentaram criar retratos psicológicos de indivíduos ou de lugares, construídos a partir do mundo visível. São as questões da psique que fazem uma ligação da obra de Priseman a esses surrealistas. O espaço interior e os objectos são incluídos para representar relações psicológicas intrínsecas. «As imagens que eu pinto mostram nada mais do que as figuras do mundo visível, organizadas dentro de uma certa ordem que corresponde ao nosso interesse pelo desconhecido.»

A série «American Execution» resiste à tentação de aplicar figuras gritantes ou imagens brutais, como acontece em Francis Bacon – artista que Priseman estudou até à exaustão para realizar a série «Francis Bacon Interiors». É fácil ver nessa nova série as referências ao artista inglês. Podemos presumir que Priseman partilha da visão opressiva de Bacon. «De 2005 a 2006 estive a trabalhar na série Francis Bacon Interiors que na sua evolução conduziu-me ao tema das execuções. Quis desenvolver o tema num contexto mais amplo através da realização de desenhos que retratavam métodos modernos de execução usados nos séculos XX e XXI.»

Durante o processo esta matéria que tinha em mãos tornou-se cada vez mais perturbadora e por isso Priseman optou pelo recurso a fotografias encontradas que eram reproduzidas fielmente para as suas pinturas sem criar grande especulação. No seu entender a reprodução fotográfica permitia que o artista se sentisse dissociado do tema retratado. Conseguia um efeito de distância emocional assim como um maior contraste com a brutalidade dos actos implícitos.

«Hanging Chamber» é uma espécie de autópsia dos conteúdos de uma sala de enforcamento. Há ganchos, alças, vigias e botões de programação que explicitam que aquilo é um local para castigo e morte. Apesar do tempo e da distância, há no entanto pormenores que tornam as cenas perturbadoras para quem as vê. O equipamento tem detalhes primorosos que se tornam anormais. Priseman observou: «quando o objectivo é executar um indivíduo, porque haveria alguém que quer incluir um colchão ou cabedal almofadado para o condenado notar estes detalhes de conforto derradeiro?». Também fica impressionado com o nível de engenho usado para matar pessoas. Algumas pessoas podem pensar que ao trabalhar e expor esses temas mostram pouca sensibilidade perante a questão da condenação à morte. Mas como estas pinturas mostram, matar alguém envolve um processo muito elaborado e detalhado que ajuda a absolver aqueles que estão envolvidos no processo da execução. «Hanging Chamber» não mostra explicitamente as coisas necessárias para matar. Não há cadafalso, algemas, arestos, capuz para tapar a cabeça do condenado, mas sim o buraco escuro do alçapão, a sombra do ritual no processo de enforcamento e dejectação do condenado.

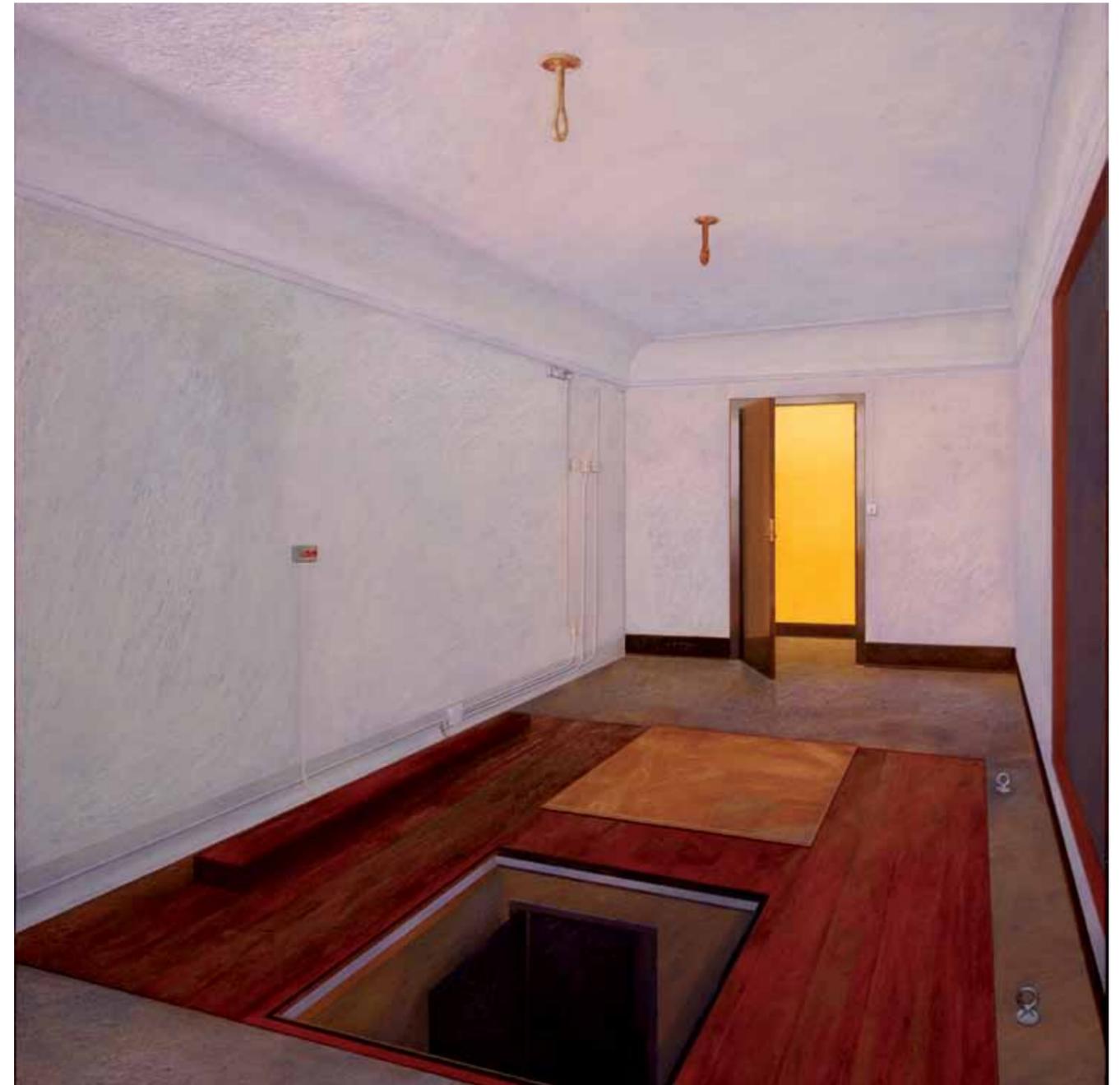
Um dos trabalhos desta série, «Electric Chair», traz-nos inevitavelmente a um dos trabalhos icónicos de Andy Warhol. Apesar da proximidade do tema retratado verificam-se diferenças de posicionamento entre ambos. Nas imagens de Warhol sente-se que o artista condena a sentença de morte. O prisioneiro aparece em primeiro plano na posição de vítima enquanto a cadeira surge em segundo plano sem o mesmo protagonismo. Na série «American Executions» Priseman não toma uma posição explícita. A sua posição não é pró nem contra uma sentença de morte judicial. Os seus trabalhos concentram-se na objectividade do processo sem os mistificar. O tema explora os lugares da execução e o processamento de cadáveres sem que uma identidade seja apresentada. Numa entrevista, o fotógrafo David Bailey perguntou a Andy Warhol porque é que alguém gostaria de pendurar uma imagem de uma cadeira eléctrica no seu apartamento. Ele respondeu friamente que ficaria surpreendido com a quantidade de pessoas que gostariam de pendurar a imagem de uma cadeira eléctrica numa sala de estar, principalmente se a cor do fundo combinasse com a das cortinas. O que impressiona também em «Electric Chair» são as braçadeiras da cadeira, abertas à espera da próxima vítima, ainda possível no estatuto de muitos estados dos Estados Unidos da América.



ROBERT PRISEMAN, ELECTRIC CHAIR, PINTURA SOBRE TELA, 2008



ROBERT PRISEMAN, LETHAL INJECTION GURNEY,
PINTURA SOBRE TELA, 2008



ROBERT PRISEMAN, HANGING CHAMBER, PINTURA SOBRE TELA, 2008